

# Anteâmbulo para uma psicanálise pós- metapsicológica<sup>1</sup>

Roberto Barberena Graña<sup>2</sup>

**Resumo:** O perigoso descompasso constatável entre o tempo e o curso dos acontecimentos/pensamentos na psicanálise e na filosofia não poderá deixar de impor ao pensador psicanalítico a responsabilidade de interpelar a própria disciplina no sentido de questionar-lhe o anacronismo noético. Se atentarmos para o fato de que a metafísica moderna, que fornece estofos filosóficos ao discurso metapsicológico, viveu seu ocaso no início do século XX, sucumbindo ao martelo de Nietzsche e à destruição de Heidegger, de onde se originam os principais filósofos contemporâneos, não será conveniente que depois de um século a conceptualística e a nomenclatura freudianas permaneçam inalteradas a despeito da subversão das formas do saber que partejou a contemporaneidade do pensar. Este escrito questiona os padrões de reflexão e transmissão do saber psicanalítico na atualidade, onde a filosofia é amiúde ignorada e as referências filosóficas raramente utilizadas remetem comumente à modernidade.

**Palavras-chave:** Contemporaneidade. Estruturalismo. Fenomenologia. Metafísica. Metapsicologia. Modernidade.

*A ausência-de-pensamentos é um hóspede sinistro que, no mundo atual, entra e sai em toda parte. Efetivamente, hoje toma-se conhecimento de tudo pelo caminho mais rápido e mais econômico e, no mesmo instante e com a mesma rapidez, tudo se esquece.*

Martin Heidegger

---

1 Comunicação apresentada ao XXVI Congresso Brasileiro de Psicanálise por ocasião do lançamento nacional de *Heidegger ou as vicissitudes da destruição*, primeiro volume da trilogia “A psicanálise e a crítica filosófica”. Fortaleza, 1 a 4 de novembro de 2017.

2 Psicanalista Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, Doutor em Letras pela UFRGS, Pós-doutor em História das Ideias Psicanalíticas e Filosóficas por Paris VII.

Os psicanalistas amam epigrafar, transcrever, citar, adornar seus escritos com frases ou conceitos extraídos das obras de filósofos (também de poetas e romancistas, certamente), no que demonstram que os quase três mil anos de história do pensamento filosófico ocidental (tome-se Tales de Mileto [623 a.C. - 548 a.C.] como referência) não lhes são indiferentes. Intuem, pressentem, ou mesmo apercebem-se de que os escritos filosóficos possuem alguma relação com aquilo que eles estudam e praticam no seu dia a dia. De outra parte, a progressiva tecnologização do “psychoanalytic training” em nosso meio mostra-se profundamente empobrecedora, desalentadora e preocupante. O quase total desconhecimento dos rudimentos filosóficos, a falta de um conhecimento – elementar que seja – das principais obras dos mais importantes pensadores que, por haverem existido, pensado e escrito, possibilitaram que exista hoje uma disciplina denominada psicanálise, parece tornar a filosofia totalmente alheia ao processo formativo do psicanalista em nossas instituições. O candidato está movido por certa urgência e preocupado, sobretudo, em dominar um *know-how*, uma técnica, um saber fazer cujas origens ele ignora sem evidenciar maior interesse em conhecer seus fundamentos.

O fim da psicanálise no mundo anglo-saxão, após a morte de Winnicott (convertida que foi em psiquiatria dinâmica e em neuropsicologia nos Estados Unidos e em psicologia do desenvolvimento e da cognição na Inglaterra), delega à França de Pinel, Charcot e Lacan a total responsabilidade pelos desdobramentos futuros da investigação e da discursividade psicanalítica. O que o *mainstream* da Associação Psicanalítica Internacional propugna hoje é não mais que o encerramento, nada freudiano, no interior de um mesmismo recitativo neokleiniano (com seus *upgrades* bioniano-meltzerianos) por um lado, e o eterno repisar de caminhos do discurso metapsicológico operante nas duas primeiras décadas do século XX (com seus *upgrades* greeniano-laplancheanos) por outro. Ora, aperceber-se de que o futuro, a novidade, o suplementar, a *différance* não serão obtidos pelo endosso acrítico dessas duas vertentes não requererá maior inteligência, mas talvez exija uma cultura diversificada, o conhecimento das fontes ontológicas e epistemológicas que sustentam nosso discurso e práxis e, igualmente, um certo anseio de transversalidade.

A frequência regular a determinados centros de efervescência do pensamento em psicanálise e humanidades na França dá-me a certeza de que não há futuro possível para o discurso psicanalítico que não transite pela intertextualidade e pela interdiscursividade com a filosofia e a teoria e crítica literárias. Inserida nessa perspectiva, a aventura intelectual de um pós-doutorado com *ligne de recherche* em História das Ideias Psicanalíticas e Filosóficas, realizado em Paris VII e sob a

orientação de Elisabeth Roudinesco, levou-me ao ambicioso projeto de produzir uma trilogia que tem por título *A psicanálise e a crítica filosófica* e constitui uma tentativa de empreender um *mise à jour* dos desenvolvimentos psicanalíticos que se processaram a partir da segunda metade do século XX, sob a importante influência dos filósofos que construíram o pensar desse século, cujo nascimento coincide com a morte de Friedrich Nietzsche. O filósofo alemão expira logo após haver decisivamente inspirado os desdobramentos do pensar que sucederiam o seu desaparecimento.

*Heidegger ou as vicissitudes da destruição* (Graña, 2016), volume que inaugura essa trilogia, é o primeiro passo no sentido de dar conta do desdobramento e da expansão das possibilidades de pensar a teoria e a clínica psicanalíticas numa perspectiva que avança além do freudismo “estrito senso” através do diálogo com aquele que foi o grande artífice, aquele que estabeleceu o campo de imanência – deleuzeanamente falando – de onde se origina o pensar filosófico que é comumente descrito como contemporâneo. Pensar (*denken*) que destaca hodiernamente uma tríade bastante conhecida: Gilles Deleuze, Jacques Derrida, Michel Foucault. Outros, de comparável relevância, os seguem na tradição heideggeriana. Essa afirmação sobre o “contemporâneo” constitui, porém, um paradoxo, se não uma enunciação em si contraditória, porque já Nietzsche estabelecera, e com propriedade, que o verdadeiro filósofo ou pensador (o enunciador das novas verdades) será sempre extemporâneo, visto que está sempre além e em oposição ao seu tempo. De forma que, se convirmos que o propriamente contemporâneo deverá ser, para assim legitimar-se, necessariamente extemporâneo, consideramos já as três *ek-stases* temporais que são em Heidegger (2012) condição do existir e do pensar (um futuro que ainda não é; um presente que está sempre deixando de ser; um passado que não é mais) e que bem diz da fugacidade das verdades compartilhadas, da obsolescência a que são permanentemente submetidas, sobretudo se as consideramos na perspectiva merleau-pontyana de busca da verdade que a concebe como uma permanente substituição de ilusões vigentes por novas ilusões (Merleau-Ponty, 1964/2012).

A interlocução psicanálise/filosofia nunca foi um propósito consciente ou confesso de Freud, que se atemorizava com o fascínio que a filosofia lhe produzira desde muito cedo, desde a época em que assistia, ainda adolescente, aos seminários de Franz Brentano. Na mesma época, mas um pouco depois, Edmund Husserl, o pai da fenomenologia, estudou também com Brentano; no entanto, Freud e Husserl, que tinham quase a mesma idade e viveram quase o mesmo tempo, jamais se encontraram ou se conheceram como pensadores. Mas Freud leu Schopenhauer, que o inquietava mais que Kant, e leu, com mãos

trêmulas e coração palpitante, alguns livros ou trechos de livros de Nietzsche, que o assombrava. Freud sonhava ser um cientista. Nietzsche escarnecia da ciência, do método e da metafísica. Se essa intertextualidade e essa interdiscursividade não foram exploradas por Freud, que se mantinha em posição ambivalente com relação aos filósofos e à filosofia, relação que basculava entre o fascínio e o desprezo, elas enriqueceram, quase que involuntariamente, a obra de Donald Winnicott – que se tornou um autor especialmente interessante para os filósofos – e atravessou também a *démarche* de Jacques Lacan, que tinha a explícita intenção de fundamentar seu pensamento, argumentativa e discursivamente, numa rede dialogal estabelecida pelo entrelaçamento de diferentes disciplinas. Lacan e Winnicott são, provavelmente, os dois mais importantes desconstrutores do pensamento de Freud, e por isso são também, acredito (antecipados por Ferenczi), os grandes responsáveis pela manutenção de seu vigor ao longo dos últimos 120 anos. Sem deixar de ser a *mesma*, a psicanálise hoje é *outra*. Sempre há o outro no mesmo e o mesmo no outro, como mostrou-nos Gilles Deleuze (1968).

Pois bem: Mas, e por que Heidegger? E por que Heidegger primeiramente? E por que Heidegger, que não simpatizava com Freud? E por que Heidegger, que não gostava nada da psicanálise? Por quê? Primeiramente, porque ele foi o mais importante filósofo do século XX. Porque tirou o indivíduo humano fora do eixo, fora do centro, tanto quanto Freud o fez. Porque não se preocupava com o mais além, com o transcendental no sentido da metafísica medieval e moderna, com Deus ou com noumeno, mas com o mais aqui do ser do homem, que se oculta, o essencial que se obscurece por efeito da errância, do extravio do ser do homem num mundo saturado de objetos atraentes – os *gadgets* de cada época – o mundo do disse-me-disse, do “a gente pensa isso”, “a gente faz assim”, “a gente costuma dizer” (o *das Man* de Heidegger), dos falatórios e das escrevinhações, das imagens cada vez mais coloridas, tri e pluridimensionais, hologramáticas, virtuais, fractais, fascinantes, excitantes, e igualmente alienantes, que nos acossam por todo lado e nos afastam de qualquer tentativa íntima de sondagem do sentido de nosso *ser-aí* (*Dasein*) nesse mundo-aí (*Umwelt*). O pensamento de Heidegger, como o de Freud, e depois o de Lacan, disseminou-se de tal forma na cultura e no discurso cotidiano contemporâneo que hoje não prescindimos de servir-nos de conceitos originados de suas obras para formular as sentenças mais prosaicas que compõem os circuitos de comunicação, de indicação, de referências através das quais expressamos as nossas vontades, necessidades e desejos.

Embora conhecesse precariamente a obra de Freud e a desprezasse pela sua metodologia, que recorria à noção de causalidade da ciência natural e adotava

o procedimento do cientista que procura a causa A que determina o efeito B, Heidegger soube distinguir o pensar e o proceder do cientista daquilo que acreditava devesse ser o pensar e o proceder do filósofo e do psicoterapeuta ou psicanalista. Ele distinguia o pensamento que medita do pensamento que mede. “A ciência – dizia Heidegger – não pensa” (Heidegger, 2005). Dito de outra forma, a ciência pensa o homem como um complexo sistema de órgãos que possuem certa forma e importância e funcionam de determinada maneira. Nesse sentido, pode pensar o homem como organismo, mas não pensa o humano, não pensa o ser do homem, o *estar-aí* (*Dasein* para os alemães, *être-là* para os franceses).

No importante livro de sua maturidade que se intitula *O que significa pensar?*, baseado em seus seminários dos anos 1951-52, Heidegger estabelece que a questão central proposta por seu ensaio é a de *poder pensar que ainda não conseguimos começar a pensar*; ou seja, não começamos a problematizar a forma do pensamento com a qual operamos até então. Essa crítica, que toma como *ressort* a empreendida por Nietzsche ao platonismo, visará, ademais, o cartesianismo. Heidegger, como Lacan, criticava o egologismo que dominara o pensamento de Descartes, de Kant, de Hegel e de Freud (especialmente o vigorante na segunda tópica), a quem o filósofo alemão considerava também um pensador cartesiano. O ser, para Heidegger, como para Winnicott, como para Lacan, precede ou se contrapõe ao pensar, portanto a existência humana não poderá legitimar-se pelo pensamento, pelo *cogito*: “Penso, logo sou” (*je pense, donc je suis*). O *ser-aí*, ser jogado ao mundo (*geworfensein*), é sem saber *o que é*. Ele necessitará formular a pergunta sobre o sentido do ente que inicialmente o substancializa. Ente (*seiende*) que se distingue dos demais entes mundanos justamente pela capacidade que possui de se perguntar, de indagar a si mesmo, e aos outros, nos quais irá inicialmente e inevitavelmente alienar-se, como mostrou Lacan (embora também os crie, na medida em que o *Dasein*, para Heidegger, é engendrador de mundo), na sanha de instaurar um sentido em sua própria existência, de revelar/produzir o ser de seu ente. Lacan subverte o *cogito* reenunciando-o: “Sou onde não penso, logo, onde penso não sou” (Lacan, 1967-68/2001). O ser do homem é desde o começo ser e sentido em construção no tempo. Subjetividade em devir. Partindo da sua nadidade (*nichtigkeit*) original, fonte da angústia, a mais urgente e abissal angústia que eventualmente experimentará, desnudo em meio ao mundo onde se encontra no mais absoluto desamparo, o *Dasein* deverá fazer lugar. Necessitará produzir-se. Efetuar-se. Tomar posse de si e do mundo. Necessitará “acontecer apropriadamente”, como nos dirá Heidegger (Heidegger, 2003) servindo-se do conceito de *Ereignis*. Embora não conhecesse Freud profundamente, mas

antipatizasse com ele e com a sua invenção (e não se feche os olhos para o fato de que se tratava de um judeu que fundara uma “ciência judaica”, como a psicanálise era referida no início dos anos 30, quando o nazismo, do qual Heidegger, como muitos intelectuais alemães, foi um entusiasta nos primeiros tempos, fermentava), Heidegger possibilitou que o estudo de sua obra filosófica levasse o psicanalista a gradualmente abandonar o modelo arqueológico, o do escavador em busca de objetos (significados) valiosos que se encontrariam soterrados (recalcados) para trazê-los à luz do sol, esclarecendo sua forma e função; a abandonar também o modelo detetivesco, que colocava o analista na obrigação de desvendar enigmas ou de esclarecer a trama dos crimes que seu paciente imaginariamente praticara e cujos remorsos e castigos (não apenas imaginários, mas também reais) o faziam adoecer mais ou menos gravemente; e por fim, a abandonar ainda o modelo sacerdotal, o do absolvidor dos pecados, libertador da culpa parricida original e orientador espiritual para uma “nova vida”; nova vida que eventualmente lhe seria doutrinariamente ensinada e explicada pelo psicanalista (este “expert” em realidade), o que não incomumente se denominava, bastante impropriamente, de “cura psicanáltica”.

Heidegger, como Sartre, como Deleuze, foram equivocadamente qualificados de filósofos antipsicanalíticos (seja por criticarem o método, o inconsciente ou o Édipo), mas sua crítica, que hoje aproxima-se muito da que nós mesmos empreendemos com o propósito de manter viva e ativa a psicanálise, possibilitou que o pensar psicanalítico avançasse muito além dos objetivos de expansão dessa disciplina (que não está mais, presentemente, preocupada em ser ciência, mas que se reserva à prerrogativa de pensar o homem e o humano da forma mais sutil, inteligente e essencial que existe, sem pretender adestrá-lo como se adestram os cães, os pombos ou os ratos) que os seguidores, revisores e endeusadores de Freud se propunham originalmente como meta. A psicanálise é, ainda hoje, e provavelmente será sempre, a mais humana e libertadora das abordagens terapêuticas, a única forma inteligente de aquisição de certo saber experiencial a respeito do “si-mesmo” (*self*), da obscura intimidade que essencialmente o habita (inconsciente) e do *quod* definitivamente inapreensível que encobre o centro do sujeito; o resto é fanatismo científico, ou fanatismo religioso, os quais, como afirmou Nietzsche, fundamentalmente não se distinguem. Estão ambos subsumidos na categoria do niilismo. Esperam encontrar no *mais além* aquilo que lhes escapa sempre no *mais alguém* ou no imediato. O que perpetua a ideia de uma “metaverdade”.

É comum e notável, porém, o anseio de transversalidade dos pensadores da psicanálise em sua feição contemporânea. Um filósofo contemporâneo de

formação heideggeriana, como Jacques Derrida, questiona, por exemplo, em *De quoi demain... (Dialogue)*, livro que entrelaça o seu discurso com o de Elisabeth Roudinesco, a atualidade das explicações e dos conceitos metapsicológicos. Segundo a abordagem desconstrutiva de Derrida,

Freud via naquilo que chamou de metapsicologia um meio de tirar a psicanálise para fora da psicologia e de evitar que ela integrasse o feudo da filosofia. Não conseguindo fazer a psicanálise ingressar no campo das ciências da natureza, ele inventou a metapsicologia, ou seja, um modelo especulativo, a fim de inscrevê-la no cruzamento das ciências da natureza e da reflexão especulativa. Daí a ideia de traduzir a metafísica em uma metapsicologia, isto é, renunciar ao conhecimento do ser em proveito do conhecimento dos processos inconscientes. (Derrida & Roudinesco, 2001, p. 179)

Derrida demonstra possuir plena consciência dos constrangimentos a que determinado saber ou argumento pode estar submetido, em certas épocas, por haver acessado um novo plano de transcendência. *Como poder já dizer disso, se não dizendo ainda algo daquilo?* Mas o constrangimento é de tal ordem, e opera em nível tão sutil – mesmo inconsciente –, que o desbravador deverá fazer-se convicto daquilo que enuncia como as novas verdades vislumbradas, sob pena de trair sua própria ética de investigador. Sem claramente aperceber-se disso, ele ajusta seu foco e modula sua linguagem para poder fazer-se ouvir e acreditar, e isso poderá deixá-lo a meio caminho entre aquilo que chegou a ver e aquilo de que decidiu ou ousou formalmente se apropriar. Na medida em que o seu pensamento articula descobertas e conceitos, ele sistematiza o seu conhecimento em enunciados, mas o “resultado” corre o risco, como diz Heidegger (2008), de se tornar um cadáver passado de mão em mão.

Para Derrida,

a grande conceitualidade freudiana foi sem dúvida necessária, eu concordo. Necessária para romper com a psicologia num dado contexto da história das ciências. Mas eu me pergunto se esse aparelho conceitual sobreviverá por muito tempo. Talvez eu me engane, mas o isso, o eu, o supereu, o eu ideal, o ideal do eu, o processo secundário e o processo primário do recalçamento, etc. – numa palavra, as grandes máquinas freudianas (incluindo o termo e o conceito de inconsciente) – não são a meus olhos mais do que armas provisórias, utensílios retóricos arranjados contra uma filosofia da consciência, da intencionalidade transparente e plenamente responsável. Não creio minimamente em seu futuro. Não penso que uma metapsicologia possa resistir muito tempo à crítica. Quase não se fala mais nisso. (Derrida & Roudinesco, 2001, p. 280)

A crítica dirigida por Heidegger à metafísica terá como correlato a crítica endereçada pelos filósofos contemporâneos à metapsicologia. – O próprio

Heidegger (2010) a agenciara nos Seminários de Zollikon –. Diversamente dos antes citados, Derrida não poderá ser jamais referido como um pensador antipsicanalítico. Ele apresenta-se o tempo todo como um amigo da psicanálise e a atenção que dedica a Freud ao longo de toda a sua obra bem o justifica. Entretanto, sua necessidade de “diferença” (*différance*) o leva a dizer, operando uma ética própria da contemporaneidade, mas singularmente derrideana:

O “amigo da psicanálise”, em mim, desconfia não do saber positivo, mas do positivismo e da substancialização das instâncias metafísicas ou metapsicológicas. As grandes entidades (eu, isso, supereu etc.), mas também as grandes “oposições” conceituais sólidas demais, e, portanto, tão precárias, que se seguiram às de Freud, como por exemplo o real, o imaginário e o simbólico, etc., “a introjeção” e “a incorporação”, me parecem carregadas (e tentei demonstrá-lo mais de uma vez) pela inelutável necessidade de “diferença” que apague ou desloque as suas fronteiras. Que as prive, em todo caso, de todo o rigor. Eu não estou nunca, portanto, pronto a seguir Freud e os seus no funcionamento das suas grandes máquinas teóricas, na sua funcionalização. (Derrida & Roudinesco, 2001, p. 282)

A perspectiva da imanência que orientará tanto o pensar filosófico quanto o pensar psicanalítico contemporâneos contrastará com o maquinismo e com o mecanismo, com o substancial e com o representacional. Suspeitará de tudo que se propõe como “científico” e se tematiza como “epistemológico”. É ainda Derrida quem sustenta que numa perspectiva histórica pode-se perfeitamente justificar a construção do discurso ou do sistema freudiano, mas sob a condição de saber que o campo no qual Freud operava não é mais o nosso. Segundo crê:

Alguns elementos perduram, mas eu não faria do ‘inconsciente’ e das instâncias da segunda tópica conceitos científicos e cientificamente garantidos. Quero bem citá-los e utilizá-los em situações estrategicamente definidas, mas não creio em seu valor, em seu alcance para além desse campo de batalha. Outras ficções teóricas são doravante necessárias. (Derrida & Roudinesco, 2001, p. 283)

A fossilização das metáforas e o desgaste dos bordões psicanalíticos haviam sido já apontados por Donald Spence (1992), em seu admirável *A metáfora Freudiana*, no qual critica a inconveniência de continuarmos a repercutir antigas proposições analógicas do tipo: “O id é o caldeirão fervilhante das paixões.”, “O superego é o herdeiro do complexo de Édipo.”, “O sonho é a via régia de acesso ao inconsciente.”, “A pulsão é um conceito limite entre o psíquico e o somático.”, e assim por diante. A verdade e o novo certamente não habitam tais enunciados. A descoberta, a pepita heurística, não pavimenta os caminhos repisados.

Embora Winnicott nos alertasse (alerta que servia, obviamente, para si mesmo) para o fato de que um paciente psicanalítico não é um poema, toda sua obra, e especialmente sua concepção da psicopatologia, enuncia a cada tanto, e de diferentes maneiras, que a doença psíquica implica a perda da dimensão poética da existência, comprometendo a espontânea competência do *self* para exercitar no mundo a criatividade, seja na forma de um existir criativo, seja na forma da criação artística propriamente dita, seja ainda, acrescentemos, no exercício criativo – teórico e clínico – de um saber que deve ser o da análise. Que a linguagem heideggeriana tenha em algum momento se aberto ao poético, naquele exato ponto em que Heidegger apercebeu-se de que a nomenclatura filosófica, a linguagem técnica da qual a filosofia até então se servira, era insuficiente e imprópria para tanger o essencial, para alcançar o ser, poderá sinalizar uma ocasião oportuna para que o jargão psicanalítico despoje-se igualmente de suas metáforas desgastadas, que perderam já o poder de enunciar verdade ou novidade, e institua novas formas de indicação e de referência, não interpretativas (no sentido da *deutung*), não explicativas, não decifrativas, onde um falar desprezioso – talvez bastante “comum” – restitua à análise e ao diálogo analítico a simplicidade que é condição da produção de espanto e perplexidade (o *thauma* dos gregos)<sup>3</sup> instanciando talvez, e desejavelmente, uma nova concepção da cura e do curar. Destruir a metafísica ou destruir a metapsicologia, destruir Platão, Descartes ou Freud, de maneira alguma significa aniquilá-los, ou sepultá-los, nem mesmo superá-los, já que qualquer grande pensador é definitivamente insuperável. Mas sim “criar condições de possibilidade”, para falar como Kant, ou, melhor dizendo com Heidegger, “criar a clareira” (*Lichtung*) onde os novos efeitos de sentido se produzem, onde novos significantes são forjados e onde novos significados crepitam na luz dos deslocamentos perspectívos que Nietzsche convocava para manter vivo o movimento do pensar.

Num escrito da maturidade, intitulado *Serenidade*, Heidegger mostra-nos que se o pensamento foi tomado por Descartes como o traço distintivo da essência do homem, “então o essencial desta essência, ou seja, a essência do pensamento, só pode ser apercebida desviando-se o olhar do pensamento” (1955, p. 31). Isso permite que melhor entendamos a predileção dos fenomenólogos pela metáfora visual, o *ver*, em vez do *conhecer*. Esse é o sentido original da *theoria* para os

---

3 Para Aristóteles a filosofia origina-se do espanto (*thauma*) que provém de uma perplexidade inicial, a aporia, conseqüente ao fato de existirem múltiplas possibilidades de argumento em conflito. O estado inicial de ignorância deverá dar lugar a um estágio posterior à aporia, que se denomina diaporía, o qual enseja a exploração de vários caminhos, exploração que assume a forma de um processo dialético onde se busca uma solução, a euforia, que significa “libertação”.

gregos, que se origina de um termo que designa a visão. Trata-se, pois, de tentar ver, em nós mesmos e naqueles com quem compartilhamos o compromisso de ver, aquilo que experienciamos, pois apenas o experienciar oportuniza eventuais possibilidades de representação que podem ser articuláveis, ou seja, passíveis de captura pela linguagem e de comunicação por via discursiva. Daí o destaque dado por Jacques Lacan para o linguístico e para o languageiro, porque uma experiência (*Erlebnis*), em sua condição de vivido puro (*vécu*), é sensorialidade muda ou emocionalidade inefável, e se não podemos, eventualmente, dar-lhe nome, arriscamos extraviar-nos pelas imprecisas veredas do imaginário. A verdade, por fim, deve sintetizar-se realmente no λόγος.

### **Ante-book for a post-metapsychological psychoanalysis**

**Summary:** The dangerous irreconcilable gap between the time and course of events/ thoughts in psychoanalysis and philosophy cannot but impose on the psychoanalytic thinker the responsibility of confronting his own discipline in order to question his noetic anachronism. If we look at the fact that modern metaphysics that provides philosophical fulfillment to meta-psychological discourse lived its decline in the early twentieth century, succumbing to Nietzsche's hammer and to Heidegger's destruction, from which the leading contemporary philosophers originate, it is not fitting that after a century the Freudian conceptualization and terminology remain unchanged, despite the subversion of the forms of knowledge that calve the contemporaneity of thinking. This article questions the patterns of reflection and transmission of psychoanalytic knowledge in the present day, where philosophy is often ignored and philosophical references eventually used commonly return to the modernity.

**Keywords:** Contemporaneity. Metaphysics. Metapsychology. Modernity. Phenomenology. Structuralism.

### **Referências**

- Deleuze, G. (1968). *Différence et répétition*. Paris: Presse Universitaire de France.
- Derrida, J., & Roudinesco, E. (2001). *De quoi demain... (Dialogue)*. Paris: Fayard-Galilée.
- Graña, R. (2016). *A psicanálise e a crítica filosófica – Heidegger ou as vicissitudes da destruição*. Porto Alegre: AGE.
- Heidegger, M. (1955). *Serenidade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Heidegger, M. (2003). *Acerca del evento: Aportes a la filosofía*. Buenos Aires: Biblos.